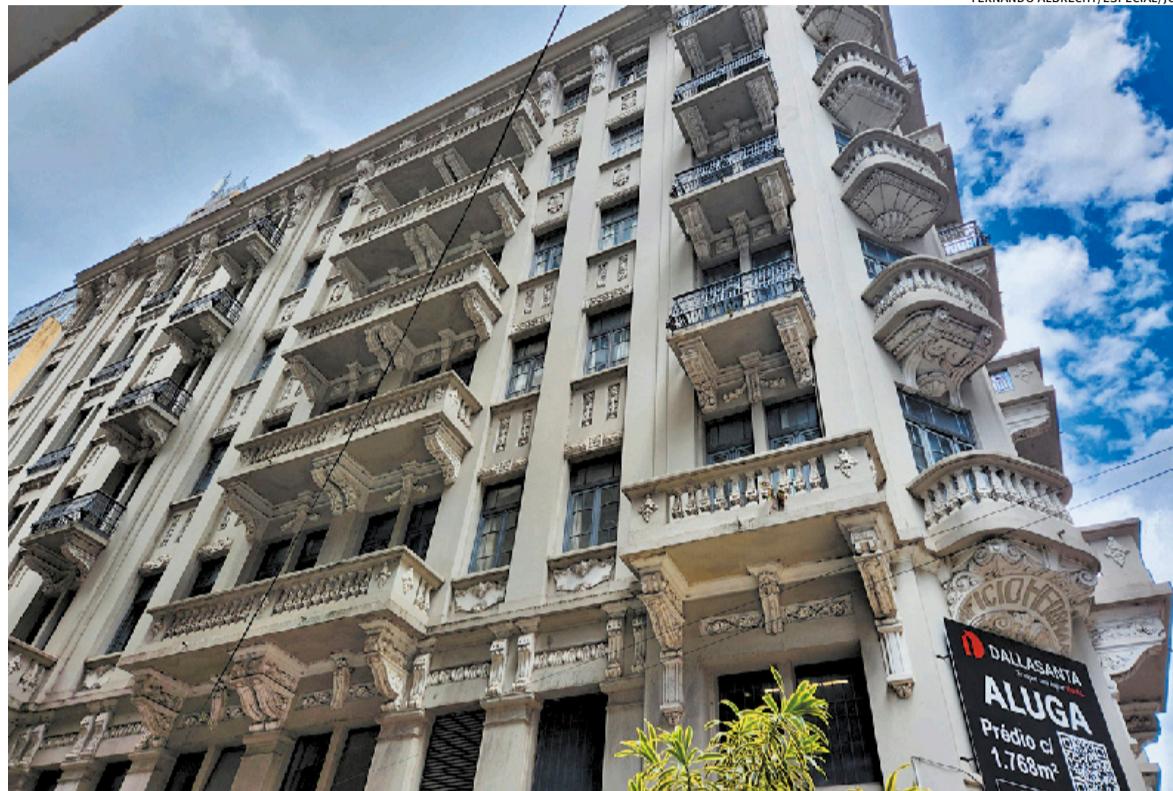




Começo de Conversa

Fernando Albrecht

fernando.albrecht@jornaldocomercio.com.br



O sonho acabou

Quando o Centro Histórico de Porto Alegre era referência nacional do bem viver, prédios como este, o antigo Hotel La Porta, eram admirados pelos visitantes. O tempo passou, o Centro passou a ser uma lembrança dos bons tempos e hoje é a catedral dos camelôs e cemitério das lojas de rua. O prédio vai abrigar estudantes, inclusive com espaços compartilhados como em outros prédios e hotéis. É a tendência, tudo bem, mas para quem sonhava em ver um Centro revitalizado, o sonho acabou.

A redoma de vidro

A fala do presidente do STF, Edson Fachin, sobre o comportamento e ética dos ministros da Corte acendeu a vela da esperança. Mas a rebeldia dos ministros Alexandre de Moraes e Dias Toffoli sobre negócios extracargo apagou a frágil chama. Suas excelências continuam morando em uma redoma de vidro com blindagem pesada, que os isola do pensamento da opinião pública.

Falência do INSS

O sistema do Instituto está fora do ar há três dias, e nas últimas semanas ou era essa a condição ou funcionava precariamente, para aflição dos segurados. Mas para descontos indevidos e não autorizados no contracheque dos aposentados e pensionistas, forjados por uma quadrilha, o sistema funcionou muito bem.

Melo e a maçã

O prestígio do prefeito Sebastião Melo em Vacaria vai bem, obrigado. É o convidado especial do Rodeio Crioulo Internacional e da Abertura da Safra da Maçã amanhã e domingo.

Marcha para a estagnação

A revelação de que o número de empresas em recuperação judicial cresceu 24% em 2025 confirma que a economia brasileira está em marcha lenta. Não adianta tapar o sol com a peneira e achar que em 2026 tudo vai melhorar. Enquanto isso, o governo Lula só pensa na reeleição do presidente.

Golpe nosso de cada dia

Segundo pesquisa da Federação dos Bancos (Febraban), 39% dos brasileiros já foram vítimas de algum tipo de golpe (ou tentativa) envolvendo suas contas bancárias. O setor financeiro vive um paradoxo: é referência mundial em inovação e, ao mesmo tempo, enfrenta o crescimento acelerado das fraudes virtuais. Sai dessa.

O Brasil da moleza

Leitor do ramo calçadista se queixa amargamente de como alguns setores ganham benesses e folgas sem compensação. Poderia ter citado esse absurdo aprovado pelo Congresso, o pacote de moleza para o funcionalismo das duas casas. Entre outras bondades, prevê uma folga a cada três dias trabalhados. É uma bofetada na cara do contribuinte. Felizmente, desta vez o STF entrou em campo e suspendeu o trem da alegria.

HISTORINHA DE SEXTA

A noite não é de ninguém

Para mim, os anos 1960 se dividiam em duas partes. Na primeira metade a vida era boa, sem sobressaltos, a não ser os que diziam respeito à sobrevivência financeira, a alegre irresponsabilidade dos verdes anos, mesmo em um país conturbado. O Brasil nunca conheceu uma paz que se prolongasse por décadas. Na segunda metade, minha vida também se dividiu em duas, a entrada na universidade, em um mundo que eu achava que seria fascinante - mas não foi -, e o primeiro emprego como jornalista - que foi. A Porto Alegre daquele tempo contava com seis jornais diários e uma pesquisa feita anos mais tarde pela Marplan, a agência de publicidade do grupo Gessy-Lever, mostrou que era a capital que mais lia jornal em todo o Brasil, fosse por faixa etária ou por renda. Se lia muito mais aqui do que no Rio de Janeiro e em São Paulo e outras cidades. Para ver como já fomos melhores.

Foi nesse cenário que tomei pé como repórter policial do jornal Zero Hora, repórter da madrugada, em uma época em que telefones públicos eram raros e não havia a moleza de poder escutar o que acontecia no mundo do crime através das rádios das viaturas policiais ou das delegacias de polícia. Não senhores, exigia dedicação e experiência adquirida pelo modo mais difícil - a perda da informação, do furo. Aprender a linguagem corporal de policiais e bandidos era fundamental. Mas graças ao alinhamento dos planetas conquistei e me firmei na função. Então você comia galinhada em vila, bebia cerveja em cafofos, em zonas barra pesada e vilas com a Maria Degolada, Cuba Libre nos botecos pé-sujo da Voluntários da Pátria e buscava informações com prostitutas de rua. Um ótimo lugar para saber das coisas, e que a polícia não contava, era o Kon Tiki, na esquina da Voluntários com a Santo Antônio. O nome vinha de uma expedição norueguesa que saiu nos anos 1950 nas ilhas do Pacífico em uma balsa feita de troncos de coqueiros e chegou na Costa Oeste da América Latina trazida pelas correntes marítimas, para provar que nativos do Pacífico Sul chegaram na América do Sul há milhares de anos.

Naquele tempo as classes sociais eram bem definidas. Os muito ricos, os ricos, a classe média alta, a classe média-média e a que hoje chamariam de D. Então, me vi no meio de uma nova classe, a média até 10 dias depois do pagamento e a D depois deste prazo. Os ricos tinham as boates da avenida Independência à sua disposição. Os caras como eu se viravam nas danceterias e indo um passo além para os cabarés, templos que recebiam de braços abertos todas as categorias sociais.

No meu trabalho, convivia com a violência gerada por criminosos com rosto, Julho, Orelha de Burro I, Orelha de Burro II, Mina Velha e Pinguim - este nunca usava de violência. Certa vez vestiu um jaleco de médico e entrou na sala de cirurgia da Beneficência Portuguesa, foi nos armários dos médicos e os limpou. A violência no varejo era pouca. Nas madrugadas vi cenas trágicas e outras cômicas. Uma delas foi no Mato Sampaio, hoje Vila Bom Jesus. Por acaso acompanhei de perto uma equipe da Delegacia de Homicídios que recebeu denúncia anônima, um perigoso homicida estava escondido em um barraco.

Mantive uma prudente distância. Os faróis das viaturas iluminavam a fachada, tudo quieto, nenhum sinal de vida vinha do interior. Trezotão em punho, um policial "pedalou" a porta do barraco e entrou com tudo. Deu para ver que ele perdeu o equilíbrio e sumiu. Os colegas entraram e o viram caído dentro de um valão de esgoto. Do bandido, nem sinal. Era só fachada, só a parede. Tanto heroísmo definitivamente não foi uma boa.

Nas noites e madrugadas dos cabarés, que eram muitos, se ouviam os guizos falsos da alegria. Não era um vapt-vupt de garotas de programa. Havia um ritual que incluía dançar de rosto colado ao som de boleros e música lenta. Um deles chamava-se Ma Griffe, no início da avenida Bento Gonçalves. Numa noite de borracha e ventos uivantes e zero clientes, a mais experiente delas falava das coisas da vida rodeada por garotas mais jovens, que a ouviam com interesse. Nunca amém, dizia balançando a cabeça como se tivesse sido vítima dessa dor. O amor dói, falou duas vezes.

O garçom ouvia a conversa com os cotovelos apoiados no balcão. Quando se fez silêncio, ele se ergueu e botou no toca-disco pela enésima vez a música de uma orquestra de mariachis.

La campanula de la iglesia sonaba triste

Vaya con Dios querida

Vaya con Dios mi amor